

A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento

Lia Carneiro Silveira¹
 Arisa Nara Saldanha de Almeida²
 Simara Moreira de Macedo³
 Monyk Neves de Alencar⁴
 Michell Ângelo Marques Araújo⁵

Introdução

As práticas de saúde desenvolvidas na sociedade ocidental contemporânea tomam, como ponto de partida, o sujeito como entidade fixa, definido, sobretudo, nos moldes do pensamento racionalista do séc. XVII. Ao instaurar o cogito "penso, logo existo", Descartes inaugura o sujeito do conhecimento e, com ele, a certeza de que a razão humana seria capaz de conhecer completamente as paixões e as emoções, governando-as e dominando-as (Chauí, 2000). Segundo Guattari e Rolnik (1999), o que Descartes efetua é uma colagem da idéia de subjetividade consciente à idéia de indivíduo, idéia esta que vem nos contaminando ao longo de toda a história da filosofia moderna.

Entendemos que esta perspectiva perpassa a produção científica hegemônica na saúde por meio de uma visão naturalizada de que todo sofrimento humano pode (e deve) ser convertido em objeto de intervenção da ciência médica. Capturar o "indivíduo" como objeto da ciência é o que permite à Medicina constituir-se enquanto saber científico e delimitar seu espaço: a coincidência exata do corpo da doença com o corpo do homem (Foucault, 1994). Esta apreensão se dá às expensas da expulsão de tudo que faz parte da dimensão subjetiva do paciente: a doença é, então, identificada com um processo real de alteração dos tecidos, que o método anatomoclínico trata de desvendar com seu olhar. A fala do paciente, queixa subjetiva e desencaminhadora, é preterida em benefício do silêncio do cadáver (Simanke, 2002).

Essa forma de apreensão do humano pelo saber científico se inscreve dentro da proposta da ciência moderna que, segundo Santos (2003), constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI. Esse modelo, apesar de admitir uma variedade interna, apresenta alguns princípios que permitem o seu reconhecimento. Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. É preciso separar, cortar e contar para, depois, perceber as relações. Em segundo lugar, "o conhecimento causal aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas com vistas a prever o comportamento posterior dos fenômenos" (Santos, 2003, p.29). Parte-se da concepção de um mundo organizado e previsível que pode ser observado em suas regularidades. Tudo que escapar a este domínio passa a ser causa de desconfiança.

¹ Enfermeira, Curso de Enfermagem e Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos de Saúde, Universidade Estadual do Ceará (UECE). Av. Barão de Studart, 1891, apto. 304A, Aldeota, Fortaleza, CE 60.120-001
 liasilveira@uece.br

² Enfermeira. Mestranda, Mestrado Acadêmico em Cuidados Clínicos em Saúde, UECE, bolsista FUNCAP.
³⁻⁴ Enfermeiras. Departamento de Enfermagem, UECE.

⁵ Enfermeiro. Faculdade Católica Rainha do Sertão.

Não podemos, certamente, negar os inúmeros avanços alcançados por meio da ciência moderna, os quais podem ser percebidos em vários âmbitos de nossa vida. Entretanto, ao fixar regras e observar repetições, o método indutivo limita a realidade, exclui as contradições, homogeneiza as diferenças e reduz a complexidade da vida.

Guattari (2001), em um texto intitulado “As Três Ecologias”, situa essa problemática num campo mais amplo. Afirma que as questões relacionadas à produção da existência humana em nosso contexto histórico estão, na verdade, articuladas a uma crise envolvendo os registros do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. O autor denuncia o paradoxo por trás desta crise: por um lado, o crescente desenvolvimento de novos meios técnico-científicos, supostamente capazes de dar conta das grandes questões atuais, como a fome, a doença e a violência. Por outro, a incapacidade das formações subjetivas constituídas de se apropriarem desses meios para torná-los operativos.

Concordamos com o autor quando ele afirma que a saída (ou as saídas) possível para este paradoxo não passa pela formulação de uma nova ideologia ou modelo unívoco; trata-se, antes, de montar algumas linhas capazes de reinventar os modos de ser: “o que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas” (Guattari, 2001, p.18).

A mudança paradigmática aqui proposta anuncia sua dimensão estética ao afirmar que a maneira de operar nesse processo de re-singularização se aproxima mais do artista que do cientista, uma vez que se propõe a uma experimentação enquanto criação na diferença. Trata-se da reinvenção dos sentidos, “da relação do sujeito com seu corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os ‘mistérios’ da vida e da morte” (Guattari, 2001, p.16). Entretanto, enquanto o artista lida com tintas, argila, palavras ou qualquer outra matéria plástica, estamos nos referindo a uma reinvenção cuja matéria é a própria subjetividade. Sendo assim, ela implica, necessariamente, a consideração de uma dimensão ética, pois tem, como preocupação central, a defesa da produção de vida. Finalmente, essa proposta envolve também uma dimensão política, pois considera que a constituição das relações sociais, dos modos de produção, está diretamente relacionada aos modos de produção de subjetividade.

Encontramos, na sociopoética, uma abordagem que se propõe a considerar estas dimensões no âmbito da produção do conhecimento. É um método de pesquisa que tem, como pressuposto básico, a valorização de saberes diversos (científico, filosófico, artístico, intuitivo, entre outros), respeitando as suas diferenças. Além disso, como toda construção humana, toma a produção de conhecimento como interessada e politicamente objetivada.

Nessa perspectiva, o objetivo do pesquisador não é resolver uma questão empírica, mas, sim, examinar as “verdades” normativas que permeiam o contexto histórico, desempenhando um papel de desconstrução do que está posto e a abertura para novas produções a partir da consciência crítica, tanto por parte dos/as participantes, como do/a pesquisador/a (Silva, Ramos, 2001).

Outra singularidade do método da sociopoética é que ela compreende a produção de conhecimento como um ato coletivo. Considera que os sujeitos da pesquisa são co-pesquisadores, pois participam com seus saberes da produção acerca de um tema (escolhido pelo próprio grupo). Sendo assim, busca-se o envolvimento dos sujeitos no processo de pesquisa, desde a negociação do tema da pesquisa até a interpretação/teorização dos dados.

Percebemos que a sociopoética se apresenta como uma caixa de ferramentas que nos permite desenvolver a produção do conhecimento considerando os processos subjetivos e comprometendo-se com uma maior autonomia dos envolvidos. Sendo assim, este texto é uma reflexão teórica que tem como objetivo descrever o método da sociopoética delineando suas bases epistemológicas e seus princípios teóricos.

A pesquisa sociopoética e seus princípios

O método sociopoético foi criado pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier a partir de suas vivências compartilhadas no movimento de luta dos Kanak, povo indígena da Nova Caledônia, por sua independência contra o colonialismo francês (Petit et al., 2005).

Do ponto de vista epistemológico, a sociopoética foi gerada por meio de uma combinação de conhecimentos trazidos da pedagogia do oprimido, da análise institucional e da esquizoanálise. De Paulo Freire e da pedagogia do oprimido, foi herdado o método do grupo-pesquisador, o qual acredita que os grupos, objetos da pesquisa, podem e devem se tornar autores da pesquisa e da sua aprendizagem, participando também do processo de criação de conhecimento, tornando-se "co-pesquisadores". Trata-se de uma postura de respeito mútuo e de troca entre saberes intelectuais e populares (Petit et al., 2005). Da análise institucional - teorizada, entre outros, por René Lourau e George Lapassade -, a sociopoética toma a idéia de dispositivo, entendido como qualquer estrutura que permita tornar visível o que era escondido na vida ordinária, idéia que está no centro da própria possibilidade de analisar, criticar e autocriticar (Petit et al., 2005).

Finalmente, podemos afirmar que outro referencial importante da sociopoética são as idéias de Gilles Deleuze e Felix Guattari voltadas para a proposta que ficou conhecida como "Esquizoanálise", e que parte do princípio de que o processo de constituição de subjetividades envolve as relações entre desejo e produção. O desejo é conceituado com base no conceito freudiano de processo primário, onde não existem a negação nem a falta. O conceito de produção é retomado com base na proposta marxista que envolve a forma como se organiza a produção de bens, valores e serviços. Segundo estes autores, não existe um mundo social, externo, baseado na produção, e outro interno, individual, perpassado pelo desejo. Produção e desejo passam a formar uma máquina que vai gerar formas de existir no mundo (produção de subjetividades) (Deleuze, Guattari, 1968).

Com relação ao seu corpo teórico, a sociopoética fundamenta-se nos seguintes princípios: o grupo pesquisador como dispositivo; a importância do corpo como fonte de conhecimento; o papel da criatividade de tipo artística no aprender, no conhecer e no pesquisar; a ênfase no sentido ético no processo de construção dos saberes. A seguir, abordaremos cada um desses princípios, considerando como cada um deles permeia o processo de produção do conhecimento.

O grupo-pesquisador como dispositivo na sociopoética

O conceito de grupo é discutido por diversos autores, podendo apontar diferentes definições de acordo com o contexto a ser trabalhado. Na sua definição etimológica, o vocábulo "grupo" é uma reunião de coisas que forma um todo distinto, uma reunião de certo número de pessoas, ou, então, uma pequena associação ou reunião de pessoas ligadas por um mesmo objetivo.

São inúmeras as modalidades de abordagem grupal, as quais divergem desde a conceituação até o desenvolvimento da prática em si. Entretanto, conforme afirma Barros (1996), constituiu-se, a partir do século XVIII, um modo de apreensão do conceito de grupo que, considerando-se algumas divergências, centra-se em torno de algumas constantes. Nesta concepção, o grupo é percebido como "um intermediário entre o indivíduo e a sociedade; o grupo é um todo; é uma estrutura, é uma unidade, é um objeto de investigação" (Barros, 1996, p.98). Outro ponto em comum, é que estas abordagens percebem o grupo como uma unidade abstrata pairando acima dos indivíduos que o compõem, ou seja, o grupo se configura como mais um indivíduo (Moreira et al., 2004).

Entretanto, a proposta de Barros (1993, 1996) é a de que possamos considerar uma outra construção do conceito de grupo, percebendo-o como um dispositivo. Abordar o grupo nesta outra lógica "é pensar efeitos, é se aliar à ação/criação, é montar situações que articulem elementos heterogêneos acionando modos de funcionamento que produzirão certos efeitos" (Barros, 1996, p.105). Um dispositivo caracteriza-se então por "sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado de criar, é seu teor de liberdade em que se desfaz dos códigos que procuram explicar dando a tudo o mesmo sentido" (Barros, 1996, p.104).

A sociopoética parte do princípio de que falar em produção de conhecimento remete-nos a uma economia dos processos de subjetivação resultantes do encontro de intensidades e de afetos. Quando nos dirigimos a um campo de pesquisa e interagimos com os sujeitos, certamente ocorrem encontros. Não apenas encontros de corpos físicos, mas também de linguagens, de saberes, de percepções, de valores, de crenças. A valorização desses encontros nos leva a um "processo de singularização", pois leva à construção de novos modos de sensibilidade, modos de criatividade e de relação com o outro. É

aí, então, que entra em cena o dispositivo. Os dispositivos são montagens ou artifícios que propiciam o surgimento de inovações, de diferenças, de singularidades. Para Gauthier et al. (1998), são eles que proporcionam a expressão da transversalidade dos desejos e poderes que agem na vida social.

Na sociopoética, a concepção do dispositivo irá permitir ao grupo-pesquisador tornar-se um agente ativo na produção do conhecimento (Silveira, 2005). A construção do conhecimento se faz coletiva e cooperativamente. O grupo é formado a partir de um convite para a discussão de um determinado tema gerador, que tanto pode ser oferecido pelo pesquisador-oficial, como por meio de uma demanda do próprio grupo, ou ainda a partir de uma negociação entre os interesses de ambos. Uma vez formado o grupo, o pesquisador-oficial elabora as oficinas nas quais será trabalhado o tema escolhido, participando da produção como mais um olhar (embora sem perder de vista a relação de poder que envolve a sua participação). A partir daí, o grupo pesquisador é parte ativa de todo o processo, participando da produção de dados, além da análise e da socialização dos mesmos. Este processo pode ser adequado a diversas demandas, como: uma pesquisa acadêmica, uma intervenção institucional ou, apenas, uma apropriação, por parte do grupo, de determinado tema que seja relevante para o mesmo.

Considerar o material da pesquisa como uma produção de sentido efetuada entre o pesquisador e o pesquisado permite uma maior implicação dos sujeitos da pesquisa com o conhecimento construído e uma valorização deste conhecimento. Para o pesquisador, fica o desafio de pesquisar sem utilizar a interpretação como ferramenta de afirmar sempre uma verdade última que se sobrepõe ao saber dos sujeitos da pesquisa. Quando isso não for possível, pelo menos, ele estará consciente de suas interferências no saber produzido.

Nesse contexto, a proposta do grupo-pesquisador valoriza o aspecto político da produção do conhecimento em saúde ao promover uma nova relação de forças e ao reverter o modelo baseado na verticalidade de um pesquisador que interpreta a fala dos sujeitos, impondo sua palavra como final. Nesse momento, aquele que antes era alienado como objeto do saber médico, passa a ser sujeito na produção de conhecimento acerca do processo saúde-doença, passa a ser valorizado em sua autonomia.

A valorização do corpo na produção do conhecimento

A sociopoética afirma que o corpo também produz conhecimento. Para o pensamento racionalista da ciência moderna, essa afirmação é no mínimo estranha. A partir daquilo que Foucault define como "momento cartesiano", a história da verdade entra em seu período moderno, à medida que admite que o acesso à verdade seja possível apenas por meio da razão (Foucault, 2006). Entretanto, esta concepção de "verdade", como tantas outras que o homem já produziu, não é um dado natural, como pode parecer. Pelo contrário, é uma crença historicamente produzida e, como tal, merece, se não ser desacreditada, pelo menos ser analisada com mais cuidado.

O corpo humano tem sido objeto de estudo das mais variadas áreas do conhecimento: o corpo biológico, objeto das ciências da saúde; o corpo história, dos antropólogos; o corpo vida, dos filósofos, etc. Cada um com suas crenças, seus conceitos e suas práticas em relação a ele. Mas, ao invés de tomar o corpo como um universal, a sociopoética vai recorrer ao conceito de "corpo-sem-órgãos" proposto pela esquizoanálise. Segundo essa abordagem, apesar do "indivíduo", o corpo sem órgãos não pára de agir.

Para entendermos melhor o que é um Corpo sem Órgãos (CsO), temos de nos deter um pouco na forma deleuze-guattariana de conceber o desejo. Em primeiro lugar, precisamos saber que, quando os autores falam em "desejo", estão desvinculando-o de qualquer ligação com "falta". Ao desejo não falta nada, ele é pura produção. Como se dá essa produção? Ela ocorre nos encontros (mesmo que seja um encontro solitário), nos contatos entre os corpos. Não apenas corpos humanos, mas de linguagens, saberes e percepções. Desses contatos, surgem os afetos, intensidades ou forças desejantes: "[...] os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto e superior [alegria]" (Deleuze, 1998, p.73).

Para que os afetos se expressem, criamos delimitações, territórios. Estes, por sua vez, são temporários, porque o contato com outros corpos gera novos afetos que não se encaixam nesses

territórios, criando, então, linhas de fuga. Sendo assim, uma linha de fuga é uma desterritorialização e os Corpos sem Órgãos são a imantação destas linhas de fuga. São eles que compõem este espaço entre o desterritorializado e o território. Estão antes do organismo, antes da formação dos estratos, mas já trazem consigo a potência de criar.

Outro ponto fundamental é que, como afirmamos, não basta saber o que é o Corpo sem Órgãos, é preciso saber também como criar um para si. Apesar de sabermos que ele vai se formar quer queiramos, ou não, a arte dessa prática está, exatamente, em saber criar aqueles que irão aumentar nossa potência e, não, apenas aqueles que nos estratificam: “[...] encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide [...]” (Deleuze, Guattari, 1996, p.11).

A tarefa do corpo sem órgãos será se opor às estratificações que, a todo momento, são modeladas no processo de docilização dos corpos.

A sociopoética considera o corpo inteiro - emocional, intuitivo, sensível, sensual, gestual, racional, imaginativo - como fonte de conhecimento. Segundo Gauthier et al. (1998, p.173): “[...] é uma característica da sociopoética buscar além (ou dentro) do corpo, um outro corpo [...] um corpo recalcado [...] Este corpo sabe [...] muito mais do que a fala explícita e consciente, muito mais do que a razão”.

Isso não significa abandonar a razão, mas trata-se de acrescentar elementos do corpo a essa razão que não consegue dar conta de tudo em todo o processo de produção do conhecimento.

Com a sociopoética existe a possibilidade de se perceber o corpo como possível de desencadear potências criadoras. Na prática, isso acontece por meio da realização de oficinas. Após a composição do grupo-pesquisador e da escolha do tema gerador, inicia-se o processo de produção. Ele ocorre por intermédio da realização de oficinas onde utilizamos técnicas artísticas que vão desde a expressão corporal, a pintura, a argila, até a fotografia e o teatro. O envolvimento do corpo nestas atividades é uma forma de estimular a sensibilidade, permitindo uma forma de produção do conhecimento que não seja apenas racional. Entretanto, a forma de apreender essas técnicas artísticas na sociopoética também tem suas peculiaridades e serão discutidas no próximo tópico.

A arte como ferramenta de produção na sociopoética

A arte foi apreendida, pela lógica psiquiátrica, como atividade e trabalho. Sua indicação para os sofrendores psíquicos surge no bojo das reformas humanitárias e na busca de novos paradigmas na atenção a esses pacientes. Atualmente, a arte vem sendo cada vez mais utilizada como recurso terapêutico, ainda muito voltado para “a cura” do paciente por meio de vertentes da arteterapia. Em muitos serviços de saúde, as atividades artísticas foram adotadas como exploração do trabalho dos pacientes em atividades de manutenção da própria instituição (Valladares, 2002).

Entretanto, destacamos que nossa perspectiva não é a da incorporação da arte como uma atividade ocupacional, monótona e repetitiva a serviço do combate à ociosidade provocada pelas instituições. Entendemos que, se a arte deve ser valorizada nesses espaços, é graças ao seu potencial revolucionário de compromisso com a produção de vida. A arte aqui é entendida como qualquer produção, tangível ou não, proveniente do potencial criativo, passível de gerar o novo, o devir, a diferença.

Consideramos a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial, uma das suas necessidades. Para Ostrower (1999), criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreensivo em termos novos. O ato de criar abrange, portanto, a capacidade de compreender; esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Nesse contexto, encontramos na sociopoética essa oportunidade de criação, por ser ela um método inovador que nos dá a liberdade de vivenciar novas experiências por meio da constante produção de outros conhecimentos e verdades. Para isso, ela se apropria de diversos mecanismos, como a pintura, a escultura, o teatro, a fotografia e a literatura, trazendo-os como dispositivos de geração de conhecimento para as oficinas realizadas. Estas oficinas resultam em produções materiais, como um

texto ou uma pintura, mas abrem espaço, também, para a criação de novas possibilidades de saber e de ser.

A arte, considerada no paradigma estético, traz uma dimensão da criação em seu estado nascente, potência que tem a capacidade de emergir a aleatoriedade das intenções, de materializar universos imateriais. Assim, trata-se de agenciar modos de virtualização, de dar espaços à diferença (Guattari, 1996).

A dimensão ética na pesquisa em saúde

A dimensão ética da sociopoética afirma a responsabilidade constante que o pesquisador (ou quem esteja ocupando o lugar de conduzir um processo semelhante) precisa ter para com a produção de vida nos espaços onde atua. Entretanto, essa responsabilização não implica substituir a responsabilidade do outro. Exatamente ao contrário disso, diz respeito à constante posição do pesquisador no lugar daquele que instiga a co-responsabilização dos sujeitos por aquilo que é produzido.

A ocupação desse lugar exige do pesquisador a descristalização de seus próprios papéis, para que, desta forma, possa abrir espaços para a produção de vida dos sujeitos com os quais compõe seus grupos. Aqui, o conceito de ética não se coaduna com valores morais preestabelecidos, mas trata-se de um compromisso irrestrito com o desejo do sujeito e com a produção de modos de subjetivação singulares.

O acesso ao saber na sociopoética não se resume a conhecer, compreender ou propor formas de atuação. Sua finalidade vai além. A elaboração teórica é apenas uma parte de um processo onde saber e ser estão intimamente imbricados. Reconhecer este princípio é, para a sociopoética, a recuperação de uma dimensão ética na produção do conhecimento, à medida que envolve a relação do sujeito consigo.

Segundo Michel Foucault, a ciência moderna valoriza uma forma de relação do sujeito com a produção do conhecimento que elimina de seu campo as questões relativas ao modo como o acesso à "verdade" modifica o sujeito. O que importa é a regularidade do método que, se for seguido, permite reproduzir o conhecimento. afirma:

Creio que a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele. Isto é, no momento em que o filósofo (ou o sábio, ou simplesmente aquele que busca a verdade), sem que mais nada lhe seja solicitado, sem que seu ser de sujeito deva ser modificado ou alterado, é capaz, em si mesmo e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso. O que não significa, é claro, que a verdade seja obtida sem condição. (Foucault 2006, p.22)

A sociopoética parte de uma concepção ética que vai na contra-corrente desse pensamento. Ao reconstruirmos sentidos por meio do dispositivo do grupo-pesquisador, ao promovermos uma modificação nesses modos de relação com a verdade, não podemos deixar de considerar o efeito de transformação, ou o efeito de retorno da verdade sobre o sujeito. Entendemos que nossas pesquisas têm produtos variados: relatórios, documentos, imagens. Mas não é apenas isso. Ocorre também um outro tipo de produção, talvez mais sutil que as outras, talvez menos esperada. Mas, com certeza, não menos importante. O ato de pensar uma determinada realidade não quer dizer contemplação ou reflexão "sobre" algo. Pensar nos envolve, nos implica, no sentido exato da palavra (*in = dentro + plicare = dobrar*), e é nessa dobra que nos constituímos como ser. Ou, como afirmam Deleuze e Guattari (1992), o pensamento é um movimento infinito de ida e volta porque ele não vai na direção de uma destinação sem já retornar sobre si, a agulha sendo também o pólo. É neste movimento que podemos falar de uma dobra entre pensamento e subjetividade. É neste sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. Ou antes, o movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser.

É nesse sentido que a sociopoética envolve um compromisso ético com os sujeitos que envolve em suas realizações, pois não se trata apenas de produção de saber, mas também de produção de subjetividades.

Considerações finais

A sociopoética é um método de produção do conhecimento relativamente recente e ainda pouco divulgado na comunidade acadêmica (embora já existam registros de várias teses, dissertações e pesquisas desenvolvidas nessa perspectiva). Sendo assim, atuamos aqui na tentativa de divulgar suas principais fontes epistemológicas e seus princípios teóricos.

Partimos do princípio de que pesquisar (ou outros mecanismos de geração de conhecimento) envolve trabalhar com sensibilidades, com modos de subjetivação. Fazer da produção conhecimento um acontecimento poético (do grego *poiesis* = criação) é o grande desafio dessa abordagem.

Esse acontecimento tem a marca da criação estética, pois trata da produção de vida fora dos modos serializados, fazendo de cada encontro uma possibilidade de invenção, assim como um artista mistura suas cores e dá forma a sua obra. Entretanto, como tratamos de vidas, e não de tintas, esse processo de criação precisa vir perpassado por uma responsabilidade ética voltada exclusivamente para um compromisso com a manutenção do desejo e da potencialização da vida. Finalmente, para não cairmos numa visão ingênua das possibilidades dessa produção, é preciso que consideremos o aspecto político, entendido como a necessidade de lidar com os estratos de poderes e saberes que perpassam os processos de subjetivação.

Entendemos que a ampliação da discussão acerca da sociopoética pode contribuir para provocar efeitos de singularização na elaboração de pesquisas que requeiram a abordagem da dimensão subjetiva, ou em outras práticas de produção de conhecimento comprometidas com a valorização da diferença e o estímulo a novos processos de subjetivação.

Colaboradores

Os autores Lia Carneiro Silveira, Arisa Nara Saldanha de Almeida, Simara Moreira de Macedo, Monyk Neves de Alencar e Michell Ângelo Marques Araújo participaram, igualmente, de todas as etapas de elaboração do artigo.

Referências

- BARROS, R.D.B. Dispositivo em ação: o grupo. **Cad. Subj.**, v.1, n.1. p.97-106, 1996.
- _____. Grupos e produção. In: _____. **Saúde loucura: grupos e coletivos**. São Paulo: Hucitec, 1993. n.4. p.145-54.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.3.
- _____. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio Alvim, 1968.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **O nascimento da clínica**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- GAUTHIER, J.H.M. et al. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 2001.

_____. O novo paradigma estético. In: SCHNITMAN, D.F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.121-37.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOREIRA, R.V.O. et al. De coletivo a grupo: reflexões sobre a abordagem grupal. In: BARRETO, J.A.E.; MOREIRA, R.V.O. (Orgs.). **Para além das colunas de Hércules**: Filosofia e ações de enfermagem. Sobral: Edições UVA, 2004. p.61-76.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PETIT, S.H. et al. Introduzindo a sociopoética. In: SANTOS, I. et al. (Orgs.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais**: abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005, página inicial e final do capítulo citado (Série Atualização em Enfermagem, v.3).

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, A.L.; RAMOS, T.R.O. As linhas epistemológicas do conhecimento científico. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 11., 2001, Belém. **Anais...** Belém, 2001. 1 CD-ROM.

SILVEIRA, L.C. Abrindo coisas e rachando palavras: a utilização dos dispositivos na Sociopoética. In: SANTOS, I. et al. (Orgs.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais**: abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005. p.224-41. (Série Atualização em Enfermagem, v.3).

SIMANKE, R.T. **Metapsicologia laciana**: os anos de formação. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

VALLADARES, A.C.A. **Arteterapia no paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2002.

A pesquisa sociopoética é um novo método de construção coletiva do conhecimento que tem como princípios a valorização dos sujeitos da pesquisa como co-responsáveis pelos saberes produzidos, além do reconhecimento da importância do corpo, da criatividade de tipo artística, considerando a dimensão ético-estética e política da produção do conhecimento. A sociopoética se apresenta como uma caixa de ferramentas que permite desenvolver a produção do conhecimento levando em conta os processos subjetivos e comprometendo-se com uma maior autonomia dos envolvidos. Esta é uma reflexão teórica que tem como objetivo descrever o método da sociopoética delineando suas bases epistemológicas e seus princípios teóricos. Entendemos que a ampliação da discussão acerca da sociopoética pode contribuir para provocar efeitos de singularização na elaboração de pesquisas que requeiram a abordagem da dimensão subjetiva, ou em outras práticas de produção de conhecimento comprometidas com a valorização da diferença e o estímulo a novos processos de subjetivação.

Palavras-chave: Pesquisa. Metodologia. Sociopoética.

Sociopoetics as a device for knowledge production

Sociopoetic research is a new method for collective knowledge construction that has the basic principles of valuing research subjects as co-responsible for the knowledge produced and recognizing the importance of the body and artistic creativity, through taking the ethical-esthetic and political dimensions of knowledge production into consideration. Sociopoetics is perceived to be a toolbox that makes it possible to develop knowledge production while taking subjective processes into account and making a commitment towards greater autonomy for the subjects involved. Thus, this text is a theoretical reflection that aims to describe the sociopoetic method and delineate its epistemological basis and theoretical principles. We take the view that expansion of the discussion regarding sociopoetics may contribute towards provoking singularization effects in drawing up research with a requirement to deal with subjective dimensions or in other knowledge production practices with a commitment towards valuing differences and stimulating new subjectivation processes.

Key words: Research. Methodology. Sociopoetics.

La socio-poética como dispositivo para producción de conocimiento

La investigación socio-poética es un nuevo método de construcción colectiva del conocimiento que tiene como principio la valoración de los sujetos de pesquisa como co-responsables por los saberes producidos, además del reconocimiento de la importancia del cuerpo, de la creatividad artística, considerando la dimensión ético-estética y política de la producción del conocimiento. Percibimos que la socio-poética se presenta como una caja de herramientas que nos permite desarrollar la producción del conocimiento llevando en cuenta los procesos subjetivos y comprometiéndose con una mayor autonomía de los participantes. Este texto es pues una reflexión teórica con el objeto de describir el método de la socio-poética, delineando sus bases epistemológicas y sus principios teóricos; contribuyendo para provocar efectos de singularización en investigaciones con dimensión subjetiva.

Palabras clave: Investigación. Metodología. Socio-poética.

Recebido em 09/08/07. Aprovado em 02/06/08.